

Rebena
Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem
V.1 (2021)

A prostituição feminina em análise comparativa das obras
Beira Rio Beira Vida e Lucíola

Female prostitution in a comparative analysis of the works *Beira Rio Beira Vida*
and *Lucíola*

Mateus José Ribeiro¹
Maria Cristina Barbosa Pereira²
Maria Durciane Oliveira Brito³
Maria Clara Assis Carvalho⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade mostrar o percurso trilhado pelas mulheres na literatura brasileira, focalizando a prostituição em duas obras, *Beira Rio Beira Vida* (1965) e *Lucíola* (1962). Muitos autores se utilizaram dessa temática, Lima (2008) fala da maneira em que Brasil escreve, e explana um pouco sobre a obra aqui analisada. Pode-se encontrar vários autores eu falam da temática desse artigo, pois além da prostituição é retratada a mulher como um ser já marginalizado. Na Literatura Brasileira destacaremos José de Alencar, um dos romancistas do século XIX, que traz em seus romances urbanos mulheres marcantes como personagens principais, mostrando em *Lucíola* (1982) a prostituta Lúcia, de maneira idealizada. Já na obra de Assis Brasil, *Beira Rio Beira Vida*, há a versão da prostituição realista sem nenhum tipo de idealização, focando-a no tratamento dado às mulheres da beira do cais. Será explorado nessa pesquisa essas duas obras, as diferentes visões deles para um mesmo tema, cada um explorando a temática sob seu contexto histórico e artístico literário. Considerando o contexto social das épocas em que as obras foram escritas e o contexto social de cada uma das mulheres retratadas nelas, as suas dificuldades e os preconceitos que sofriam dia após dia em suas vidas devido à “profissão” que exerciam.

Palavras-chave: Mulher. Prostituição. *Beira Rio Beira Vida*. *Lucíola*.

ABSTRACT

This work aims to show the path taken by women in Brazilian literature, focusing on prostitution in two works, *Beira Rio Beira Vida* (1965) and *Lucíola* (1962). Many authors have used this theme, Lima (2008) talks about the way in which Brazil writes, and explains a little about the work analyzed here. You can find several authors I talk about the theme of this article, because in addition to prostitution, women are portrayed as already marginalized. In Brazilian Literature we will highlight José de Alencar, one of the 19th century novelists, who brings in his urban novels striking women as main characters, showing in *Lucíola* (1982) the prostitute Lúcia, in an idealized way. In Assis Brasil's work, *Beira Rio Beira Vida*, there is a version of realistic prostitution without any kind of idealization, focusing on the treatment given to women on the waterfront. In this research, these two works will be explored, their different visions for the same theme, each one exploring the theme under its historical and artistic literary context.

¹ FAERPI. mateusprimeirososteus@hotmail.com

² Universidade Federal do Piauí. cristinapereirabp4@gmail.com

³ Universidad Tecnológica Intercontinental. durciane@hotmail.com

⁴ Instituto Federal do Piauí – IFPI Campus Parnaíba – PI maclaraquimica@gmail.com

Considering the social context of the times in which the works were written and the social context of each of the women portrayed in them, their difficulties and the prejudices they suffered day after day in their lives due to the “profession” they exercised.

Keywords: Woman. Prostitution. Beira Rio Beira Vida. Luciola.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante muito tempo a mulher não tinha direito a nada, sua vida era controlada pela sociedade machista, e o século XIX foi, como afirmam alguns estudiosos, o período em que as oportunidades femininas foram menores, considerado até um século sombrio para elas. Esse século popularizou o ideal da mulher restrita, limitada, ao cuidado do lar e da família, sendo que a própria sociedade fez das mulheres suas propriedades. Embora com todas essas restrições, muitas seguiram a vida na prostituição, e, se hoje essa profissão é vista com maus olhos, naquele período elas eram mais tachadas ainda.

Este trabalho está dividido em três partes e mostrará num contexto histórico a mulher do século XIX, seu modo de vida, suas obrigações com casa, marido e filhos. Será, por outro lado, visto aqui a prostituição em que algumas mulheres eram submetidas, os sofrimentos, o modo como ganhavam a vida.

É importante, também, ser mostrada a abordagem que alguns autores fazem em suas obras dos perfis femininos, para que possa embasar ainda mais a temática, como nos mostra no livro de Rocha (2001), no qual fala sobre os direitos femininos, desde as revoluções até as conquistas.

Para alguns homens daquele período, as mulheres deveriam ser tradicionais, silenciosas (só falarem quando fossem perguntadas), modestas, castas, subservientes e as que não atendiam a esses requisitos sofriam as mais variadas formas de agressão, até física. O que faz desse tema algo relevante é justamente o lado inverso dessa questão, pois as mulheres aqui mencionadas se utilizam da prostituição para “ganhar” a vida, e como já são discriminadas por sua natureza feminina, a idéia da prostituição piora a visão da sociedade sobre elas.

Evidenciando essa idéia de liberdade e revolução feminina, Lima (2008) aborda questões de cunho literário fazendo análises e críticas sobre o assunto aqui escolhido. Neves e Costa (1991) também dão sua contribuição, quando falam daquelas que batalharam e que compraram briga para ascender socialmente.

Na análise desse perfil feminino literário, serão utilizadas como foco

deste artigo a prostituição apontada pelo autor piauiense Assis Brasil em *Beira Rio Beira Vida* (1965) e a prostituição vista por José de Alencar em *Lucíola* (2009). Duas obras que tratam da prostituição, cada uma utilizando um ponto de vista; na primeira, a prostitutas que vivem em um cais, e na segunda, a idealização da prostituição da alta sociedade.

Assis Brasil, em *Beira rio beira vida* (1965), traz um contexto realista da prostituição e aponta nessa obra o círculo vicioso entre as mulheres do cais parnaibano, mostrando que para elas o único meio de sobreviver era aquele, e sendo essa a “herança” passada entre as gerações. José de Alencar, por outro lado, retratou de uma forma um tanto quanto diferente para a época o modo como a mulher se comporta, pois na obra *Lucíola* (2009), publicada em (1862), mostra *Lucia* como uma prostituta que vive na alta sociedade, que transpassa o modelo social instituído a ela, e ressalta o valor feminino, mesmo em uma época estritamente patriarcalista.

Quanto ao tipo de pesquisa, Lakatos e Marcone (2003) falam sobre a pesquisa bibliográfica, o mesmo que está sendo desenvolvida nesse trabalho. Afirmam que a ideia mestra de um trabalho bibliográfico não se apresenta desprovida de outras que revelam pormenores importantes. Nas proximidades principais aparecem argumentos que a justificam, analogias que a esclarecem, exemplos que a elucidam e fatos aos quais ela se aplica.

Assim, para se analisar os textos estudados, foi preciso observar os componentes do conjunto (cada obra), perceber suas possíveis relações, passar à generalização e, finalmente, à crítica. Portanto, a primeira parte compreende à decomposição dos elementos essenciais e sua classificação, isto é, verificação dos componentes de um conjunto e suas possíveis relações. Procurou-se associar as ideias expressas pelos autores com outras de conhecimento existentes sobre o mesmo tema. A partir daí se faz uma crítica do ponto de vista da coerência interna e validade dos argumentos empregados no texto e da profundidade e originalidade dada à análise do problema.

Tendo em vista o tipo de pesquisa abordado por Lakatos e Marcone, a discriminação sofrida pelas prostitutas daquele período e a abordagem dada por esses dois grandes literatos, serão analisadas, dentro das duas obras – *Beira Rio Beira Vida* e *Lucíola*, de forma comparativa comentada, a dura e pobre realidade da prostituta do cais em uma obra e a idealização da mulher prostituta

da alta sociedade em outra.

2. A MULHER E LITERATURA

O restrito acesso feminino à instrução contribuiu para que os lugares relacionados à escrita, à autoria e ao conhecimento literário fossem de difícil acesso às mulheres. Além disso, a publicação era prática apenas masculina, restando apenas a elas alguns romances literários que acabavam por rondar os pensamentos das moças, romances esses que instigavam o desejo de escolha do amor verdadeiro, por exemplo, que ficavam nas entrelinhas. Durante muito tempo a contribuição das mulheres para a literatura foi apenas o de serem personagens e poucas foram as que contribuíram, em períodos passados, para a criação literária propriamente dita. De acordo com Rocha:

A prática literária podia ser desenvolvida sem retirar a mulher por longas horas do espaço doméstico, o que possibilita às mulheres instruídas da classe média e alta escrever colaborações para a imprensa de maneira discreta ou mesmo sem o conhecimento de seus familiares. Um segredo que podia ser mantido nas máscaras propiciadas por pseudônimos. (ROCHA, 2011, p. 47).

Temos nomes importantes na literatura brasileira que escreveram obras falando de mulheres em diferentes aspectos. Ao falar delas na literatura, o primeiro nome a ser mencionado é o de José de Alencar, pois em suas obras aborda bastante o perfil. Além dele outros escritores também escreveram obras com diferentes pontos de vista a respeito da mulher, inclusive com postura.

Temos autores da literatura brasileira e universal que abordaram a temática, e serão apresentados alguns desses nomes e os seus romances que traçam perfis femininos inesquecíveis. Machado de Assis é um deles. Por ser um autor mais realista traz personagens que são representantes autênticos, fieis retratos da sociedade burguesa em vigor na época. Suas narrações são sempre conduzidas por protagonistas masculinos, a mulher fica sempre como coadjuvante, pois o papel delas na sociedade era sempre o de segundo plano. O universo feminino em suas obras é sempre na visão dos homens, elas eram marcadas pelo patriarcalismo. Nesse sentido, em seus romances, a mulher é sempre mostrada submissa ao homem e com posturas muitas vezes negativas.

Diferente de Machado, Jorge Amado dá mais autoridade e poder às mulheres, ele abusa de muita sensualidade, mostra perfis femininos com força, coragem. Em suas obras são elas que ditam as regras e conduzem os fatos que as rodeiam na trama. Temos mulheres do povo, morenas sensuais, como

em *Grabriela cravo e canela*.

Na França, dando início ao Realismo literário feminino, Gustave Flaubert publicou em 1857 *Madame Bovary*, um romance que desafiava as convenções sociais. Não à toa, pois na época do lançamento o impacto foi duplo, um sucesso de público e a reação feroz do governo francês, que levou o autor a julgamento sob a acusação de imoralidade. A história faz um ataque à burguesia, desmoralizando-a com a descrição exuberante de sua banalidade. Em um tempo em que as mulheres eram submissas, *Emma Bovary* encontra nos tolos romances dos livros o antídoto para o tédio conjugal e inaugura na literatura uma galeria de famosas esposas adúlteras atormentadas.

3. ASSIS BRASIL: DENÚNCIA E AUTENTICIDADE

Francisco de Assis Almeida Brasil (1932), de origem parnaibana, é autor de extensa e variada obra, tendo já produzido romances, contos, novelas; sendo crítico ensaísta, jornalista, professor, organizador de antologias, historiador, direcionista; vive exclusivamente da profissão de escritor, e é respeitado e reconhecido nacionalmente pela ousadia de enfrentar e superar o estigma de quem escreve para viver.

[...] A. Brasil é um dos poucos romancistas atuais preocupados com experimentalismo. Cada obra traz ensaios técnicos. Em geral não são truques nem alçapões exóticos. Mas surpresas, mergulhos fundos na estrutura. Todo romance de A. Brasil é uma sondagem psicológica e um exame técnico. (NETO, 1996, P. 42).

No Piauí, a crítica o estuda como um vanguardista pela sua refinada e inovadora técnica de narrar. É escritor de renome nacional, mas que não perdeu o vínculo com a terra e sua gente, tratando do Piauí, por dentro e por fora nas páginas críticas da famosa *Tetralogia Piauiense*.

Assis Brasil conquistou prêmios e distinções. A *Tetralogia Piauiense* é defendida por ele: a ideia da *Tetralogia* nasceu de uma necessidade urgente de voltar às minhas raízes telúricas e a experiência de vida, principalmente a infância, foi a matéria-prima para o levantamento de um mundo ficcional. (LIMA, 2011, p. 184/185).

Embora, por outro lado, se encontre muito de sua terra nas suas obras, pode-se observar nelas a diversidade, pois se encontra bastante da sociedade em sua obra, como é o caso de *Beira Rio Beira Vida* (1965), que mostra de maneira bem clara os tipos da sociedade da época. Além da *Tetralogia Piauiense*, também tem como escritos 1- romances: *Beira Rio Beira Vida* (1965),

A Filha do meio Quilo (sem data precisa) e O Salto do Carvalho Cobridor - o caboclo e a cigana(1969), 2- Ciclo do Terror: Os que bebem como os Cães(1975), O Aprendizado da Morte (1976), Deus, Sol, Shakespeare (1978) e Os Crocodilos (1980). Mas ainda traz em seu bojo vários outros romances, contos, novelas, ensaios e críticas, e trilógias teocráticas.

Sobre a obra *Beira Rio Beira Vida (1965)*, é importante ressaltar que faz parte do sucesso de Assis Brasil, tendo ela gerado críticas, por focalizar a prostituição na beira do cais de Parnaíba. O plano de fundo, bem como o próprio foco, são as gerações de mulheres prostitutas que carregam consigo essa “sina” como profissão. Configurando-se, pois, em um romance social, documental e de denúncia, ganhou o Prêmio Walmap (Waldomiro Magalhaes Pinto, à época, dono do Banco Nacional) de 1965. É o primeiro livro de uma série ambientada no Piauí; nele, como representação da realidade, é possível localizar a periferia da cidade nas lembranças do escritor.

[...] O Romance **Beira Rio Beira Vida** é uma comunidade sufocada pelo primitismo capitalista, um mundo em que a sociedade se estratificou implacavelmente, onde as prostitutas são prostitutas, os pobres são pobres, os ricos são ricos [...]. (LIMA, 2008, p. 187.).

Embora trazendo essas lembranças, Assis Brasil não se submeteu simplesmente ao narrativo nessa obra, não pretendia apenas contar, mas como observador privilegiado, explanar a história de vidas que não a sua, partindo para o romance com uma aguçada consciência criadora, mais ainda, com a consciência do autêntico e denunciador autor que viu os fatos que escreve.

4. JOSÉ DE ALENCAR: SOCIEDADE E IDEALIZAÇÃO FEMININA

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana - CE, em 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1877. Formado em Direito em São Paulo e Olinda exerceu muito pouco a profissão, vindo a se dedicar à literatura e ao jornalismo, sendo redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. Além de escritor, foi também ministro da justiça. Como principais obras escritas tem (além do teatro, crônica, e escritos críticos) na categoria de romance: *Cinco Minutos (1856), O Guarani (1857), A Viuvinha (1860), Lucíola (1862), Diva (1864), As Minas de Prata (1865), Iracema (1865), O Gaúcho (1870), A Pata da Gazela (1870), O tronco do Ipê (1871), Sonhos d'Ouro (1872), Til (1872), Alfarrábios (“crônicas”) (1873), A Guerra dos Mascates (1873), Ubirajara (1874), Senhora (1875), O Sertanejo (1875), Encarnação (1893, póstumo).*

No que se refere a perfis femininos, José de Alencar foi um escritor de personagens marcantes, pois revela em sua maneira de escrever sobre o gênero um diferencial. Em *Lucíola*, por exemplo, apresenta a sua vocação para a fuga do real e, ao mesmo tempo, uma crítica social muito forte. Nessa obra em particular, a mulher e o homem se defrontam num plano de igualdade, dotados de peso específico e capaz de amadurecimento interior dado às circunstâncias forçadas pelo social.

Mantendo parte de sua obra certa posição crítica, ele denuncia o materialismo, a hipocrisia e a corrupção da alta sociedade, através de um enredo composto geralmente de intrigas complicadas, com vários imprevistos, deixando o leitor em suspense até o final, quando tudo se esclarece. (TUFANO, 1982, p. 57).

Para compreender melhor, então, a marca das personagens femininas de Alencar em sua criatividade única, é importante conhecer quais os estatutos sociais e morais instituídos às mulheres daquela época. Sobre esse contexto brasileiro:

Partem de pressuposto comum: homens e mulheres não desempenham os mesmos papéis na sociedade. Em consequência, seus interesses e necessidades são diferentes. Qualquer tentativa de reflexão sobre o tema ou intervenção na realidade deve partir desse fato, evitando-se as análises teóricas, as políticas e os programas “neutros” do ponto de vista do gênero (NEVES; COSTA, 1991, p. 19).

Assim, já naquele período, Alencar buscava salvar suas personagens, restaurando e dando a elas dignidade, livrando-as das atitudes de pouco valor que a sociedade da época estabelecera a elas (mulheres), evidenciando a idealização romântica. Seus enredos, por outro lado, também tratam da desigualdade social, o modo como as mulheres tinham que ser submissas, e não de uma maneira indireta por causa do período em que viviam, mas de modo direto ao homem – marido, pai, irmão.

Quanto ao período histórico em que Alencar escreveu suas obras, o conflito entre as questões da Independência política no Brasil e a cultura apoiava-se na falta de uma identidade nacional, com isso os romances tinham sempre como cenário a vida na corte. Sem dúvida, esse problema da identidade das próprias personagens estava ligado ao problema da tradição social e mesmo assim houve um grande esforço para a construção de uma identidade nacional em suas obras, assim como da autonomia das personagens femininas. Sobre a importância de se falar do momento histórico de produção, Silva afirma:

A contextualização precisa ser buscada, assim, no cenário brasileiro, conferida a vinculação da produção literária às demais manifestações artísticas aqui feitas, bem como à situação política e social vivida. Sem esse panorama de fundo, muitas particularidades de uma obra deixam de fazer sentido. (SILVA, 2009, p. 82).

Acerca dos perfis femininos, cabe salientar que, apesar da sociedade privilegiar o homem, Alencar foi capaz de manipular essa realidade moldando-a na forma da figura da mulher perfeita, linda, imponente, de suavidade nos traços, mulheres cândidas, algumas recatadas, outras nem tanto, mas sempre idealizadas. E sobre a forma como escrevia, Bosi afirma que:

Alencar, cioso da própria liberdade, navega feliz nas águas do remoto e longínquo. É sempre com menoscabo ou surda irritação que olha o presente, o progresso, a “vida social”; e quando se detém no juízo da civilização, é para deplorar a pouquidade das relações cortesãs, sujeitas ao Moloch do dinheiro. Daí o mordente das suas melhores páginas dedicadas aos costumes burgueses em *Senhora* e *Lucíola*. (BOSI, 1994, p. 137).

Foi, portanto, um autor que soube tratar das mulheres em suas obras de uma forma diferente da realidade vivida socialmente por elas; um autor de perfis femininos marcantes, mulheres autênticas, firmes em suas decisões, imponentes, que estavam à frente de seu tempo, donas de suas vidas; um autor que soube fazer mulheres “perfeitas” mesmo numa época em que elas não podiam se manifestar, em que eram tachadas como inferiores aos tipos masculinos.

5. BEIRA RIO BEIRA VIDA: A MULHER PROSTITUTA DO CAIS

Em *Beira Rio, Beira Vida* (1965) Assis Brasil conta a história da vida de três gerações de mulheres que vivem à beira do cais do Rio Parnaíba. Seus destinos são marcados por essa vida de proximidade do porto que as coloca diante da constante presença de marinheiros, com quem deitam todas as noites em busca de sua sobrevivência.

Essa sina das gerações, que começa, pelo menos na obra, com *Cremilda*, passa por sua filha *Luiza* e chega à mais moça, *Mundoca*, que desvela a vida como um inevitável e melancólico fluxo de tempo, como se fosse impossível viver de outra maneira. Contudo, mesmo diante da adversidade narrada, *Mundoca* não segue, ou se diria “consegue fugir da sina”, a triste vida de sua avó e sua mãe, cria para si um final diferente.

É, portanto, *Beira Rio Beira vida*, um documento histórico geográfico que

retrata o hermetismo de uma sociedade alienada, os tabus e os preconceitos de uma geração que copiava modelos estrangeiros, fechando-se num monólogo estéril. Mostra, também, a cidade de Parnaíba dos tempos dos navios-gaiola, a rotina que vem pelo rio, num perpétuo repetir.

Mesmo vinte anos mais tarde ou quarenta, continuaria pelas tardes no cais - as barcas de algodão e anos se repetindo, os navios que iam crescendo, tomando novas cores – os gritos dos canoeiros atravessavam o rio, voltaram do outro lado, para lá e para cá, as canoas deslizavam magras e serenas. (BRASIL, 1965, p. 8).

Quanto às mulheres do cais descritas na obra, pode-se observar que Assis Brasil, em momento algum, as chama de prostitutas. O foco em si não era o trabalho que exerciam dentro da narrativa, a “profissão”, mas o que facilmente se observa é uma completa ausência de conhecimento de outro mundo, outra possibilidade de vida. Nota-se como acontece o jogo de relações entre essa vida marginal e uma sociedade aristocrata e machista. Como um estigma para aquelas mulheres marginalizadas, elas têm na prostituição o único meio de vida e que é passado pelas gerações como algo natural e inevitável; identificado assim, da margem, da beira, o eterno fluxo de navios que garantiam o sustento daquelas pessoas. Nas palavras do próprio autor, “O cais estava lá o mesmo, retratado no mesmo barulho de todas as noites: a sineta de um navio-gaiola que partia, o grito de um barqueiro na escuridão do rio a gargalhada das mulheres, a eternidade de suas vidas se repetindo”. (BRASIL, 1965, p.10).

Essas mulheres que do cais tiravam o seu sustento eram marginalizadas pela sociedade da época, uma vez que para a mulher “de bem” cabia apenas os afazeres do lar e ser matriarca da família, família essa que deveria seguir os moldes impostos pela mesma sociedade que exclui tudo aquilo que não segue os padrões da suposta normalidade, ao qual as personagens *Cremilda* e *Luzia* não faziam parte.

Ah, Mundoca, há muitos anos ela cospe a mesma cantilena, só pra dizer: “essas desvalidas”, “essa mancha de Parnaíba”, fala em campanha moral e tudo continua o mesmo como as pedras desse cais velho “essas desvalidas...” se não fossem essas desvalidas que assunto ela teria para se vangloriar? (BRASIL, 1965, p. 31).

A imagem que se cria diante no que é narrado no livro é, pois, de mulheres sofridas que não conseguem ver outro meio de seguir com suas vidas, uma espécie de “maldição”, tanto que as próprias personagens principais o vêem dessa

forma *Cremilda* passou para sua filha *Luzia* a sina da prostituição no cais que, por sua vez, seria deixado como herança *Mundoca*.

Quanto à sociedade da época, Assis Brasil descreve com exatidão, desde o aspecto físico dos lugares até o psicológico das pessoas, o prestígio ao capitalismo e à aparência, e a discriminação veemente aos pobres e prostitutas da beira do cais, que, afinal, eram vítimas das circunstâncias e da própria sociedade que a recriminavam sem o menor pudor e as “desoporunizavam” a mudança de vida. Assis, assim, denuncia evidenciando o motivo da continuidade de miséria daquelas mulheres.

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra. (CANDIDO, 2006, p. 15).

Dessa forma há em *Beira Rio Beira Vida* (1965) uma declarada reivindicação social, com narrativa construída baseada em hábitos vivenciados pelo autor, que reflete o cotidiano da época, por inadvertência ou por desconfiar um pouco da visão que tem. Cria-se, então, uma obra tão realista que consegue visualizar todo o contexto em que se passa o focodado à história.

6. LÚCIA, UMA DAMA QUE FOGE AOS PADRÕES SOCIAIS

Em *Lucíola*, é contada a história romântica de *Lúcia* e *Paulo*. *Lúcia* é uma cortesã de luxo que vive no Rio de Janeiro em 1855; e *Paulo*, um rapaz do interior que veio para o Rio conhecer a Corte. Na primeira vez que *Paulo* viu *Lúcia*, julgou ela como meiga e angélica, mas seu amigo *Sá* conta sobre ela e revela a sua verdadeira profissão. *Paulo* ainda mantém essa imagem de pureza dela em seu coração, deixando de lado o preconceito para viver um amor com a dama, cortesã.

O romance *Lucíola* foi lançado em 1862, causando muita polêmica, pois trazia como protagonista uma cortesã. Atualmente esse enredo talvez não provoque reações tão espantosas aos leitores, mas naquela época tal temática representou um escândalo, pois para os rígidos padrões de conduta social e moral do período isso era tido como inconcebível.

Lucíola foi rotulada como imoral. Silva afirma o seguinte:

Para além das contingências do tempo da ação do cenário dos acontecimentos, a literatura muda, se lida pelo ser humano, com suas paixões e seus medos. Os temas mais reprisados, em todas as épocas, em todas as literaturas sempre foram o amor e a morte. (SILVA, 2009, p. 55).

Quanto ao ambiente, esse é a corte, pois ela é revelada na própria narrativa, sendo praticamente em todos os capítulos tido referências a bairros e ruas do Rio de Janeiro. Alguns dos mais são o bairro de Santa Teresa, ou suas ruas, o bairro das Mangueiras. Também são mencionadas festas conhecidas, como a festa da Glória, e lugares bem frequentados pela sociedade abastada da época, como o teatro lírico, onde as mulheres iam bem vestidas e acompanhada por seus maridos. Como pode ser observado na voz do próprio narrador:

Pouco dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, Dr. Sá; levou-me à festa da Glória: uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas faldas do outeiro e apinhava-se em torno da poética ermida, cujo âmbito regurgitava com a multidão do povo. (ALENCAR, 2009, p. 08).

No que se refere à temática da prostituição e o lugar da cortesã no seio social, é isso o que torna *Lúcia*, a personagem central, uma mulher especial, mesmo sendo focada como à margem da sociedade burguesa e moralista da época. Segundo BEUVOIR, nesse tipo de narrativa o autor “Para além dos protestos estéreis pode ter a coragem de recolocar em questão o otimismo estabelecido, os valores já prontos, a moral hipócrita e tranquilizadora.” (BEUVOIR, 1970, p. 99). Trabalha-se muito esse aspecto, pois as pessoas estavam preocupadas com a posição social da qual faziam parte, e a personagem principal estava inserida nesse contexto (embora de forma negativa), como podemos observar em toda a narrativa. Logo no início ela é apresentada da seguinte maneira: “Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos...” (ALENCAR, 2009, p. 09). Quando o personagem *Paulo* descreve *Lúcia*, pode ser notado toda a classe e elegância no perfil dela. Assim, mesmo não sendo “uma dama da sociedade”, ela sempre se apresentou com a elegância e discrição necessários.

Em *Lucíola* existe um conflito que é realçado na forma como ela era tratada pelos senhores que já a conheciam, uma vez que havia valores impostos pela sociedade e o preconceito estava enraizado em todos na época. Assim, a dificuldade não se dá somente entre *Lúcia* e *Paulo* e a sociedade, mas também entre e dentro das próprias personagens principais desse romance, por conta das ideologias que trazem consigo. Nas palavras da personagem *Lúcia*, “_Que importa? Contanto que tenha gozado de minha mocidade! De que serve a velhice às mulheres como eu?” (ALENCAR, 2009, p. 24). O preconceito também se fazia inserido nas rodas de conversas tidas entre os envolvidos na trama.

-Sou extremamente egoísta nesta maneira, meu amigo; só partilho o amor coma mulher que o sente.
-São gostos; mas ficaste sabendo o que é *Lúcia*, e, entretanto, ela estava de mau humor. Num dos seus bons dias, não tem que invejar às cortesãs gregas ou às messalinas romanas.
-Ela já me contou tudo isso, Sá - respondi com impaciência.
-Pudera não! São os seus brasões de glória; e por isso previno-te.
É uma mulher que só se pode ser apreciada de copo na mão e charuto na boca, depois de ter no estômago dois litros de champanha pelo menos. Nessas ocasiões torna-se sublime! Fora disso é excêntrica, estonteada e insuportável. Ninguém a compreende. (ALENCAR, 2009, p. 58-59).

Alencar irá destacar em *Lucíola*, dentre outros, vários aspectos da realidade, o papel social que a prostituta (embora aqui idealizada) representa, pois a obra trata de uma prostituta de luxo, e mesmo com toda elegância e sutileza, é alvo do preconceito social, além do fato de ser mulher, já marginalizada pela cultura machista. Sobre a mudança e conquistas femininas Rago afirma que as “conquistas sociais e sexuais são sempre instáveis e dependem da continuidade, da firmeza e da intensidade da pressão dos grupos envolvidos...” (VENTURI; RECAMÁN; OLIVEIRA, 2004, p. 41).

Ao contrário sente um prazer novo, obrigando-o a sacrificar-lhe a honra, a dignidade, o sossego, bens que ela não possui. São seus triunfos. Fâ-lo instrumento da vingança ridícula, que todas essas mulheres prosseguem surdamente contra a boa sociedade. (ALENCAR, 2009, p. 60).

Observa-se aqui um que de revolta das mulheres contra a sociedade que as oprime e as deixam alheias a conquistas só permitidas aos homens.

Assim, *Lúcia* é, com certeza, uma representação da época, personagem que representou a visão de Alencar sobre a figura da prostituta de luxo no século XIX. É, portanto, uma denúncia do preconceito, de uma sociedade que

julga as prostitutas como mulheres impuras, mas que os mesmos senhores abastados que as marginalizam usufruem em benefício próprio, continuando a sustentar essa classe.

-Não sabia o que se tinha que passar; suspeitava que te havia de encontrar aqui; porém nunca pensei que homens de educação achassem prazer em obrigar uma pobre mulher a semelhante degradação.

-Eles compram seu prazer onde o acham; a degradação e a miséria é a de quem recebe o preço. Senti hoje! Nunca isso custou-me tanto! Conheci o que era a infâmia; se o senhor não zombasse de mim não o teria feito por coisa algumadeste mundo. (ALENCAR, 2009, p. 48).

Nesse romance a personagem principal, vivencia um drama em sua vida, e isso passa totalmente despercebido aos olhos daqueles que usufruem de seus “serviços”, pois o que interessava para aquela sociedade era apenas o fato de ela ser uma cortesã. O preconceito está, pois, já estava enraizado.

7. BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A PROSTITUIÇÃO DE BEIRA RIO BEIRA VIDA E DE LUCÍOLA

Nas obras analisadas pode-se notar uma diferença entre prostituição, pois em *Beira Rio Beira Vida*, ela é vista de maneira mais nítida e realista, são mulheres que ganham a vida vendendo o corpo para marinheiros na beira de uma cais, sem nenhuma idealização. Elas são marginalizadas sem o menor pudor pela sociedade Parnaibana.

A mulher em si já era marginalizada pela sociedade patriarcalista, e fugindo aos padrões impostos sofriam ainda mais com o preconceito, como é o caso das mulheres de *Beira Rio Beira Vida*. Mas acabando com essa idéia de superioridade do masculino sobre seu oposto, BEAUVOIR diz que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1970, p. 7).

Beira Rio Beira Vida é um livro oportuno porque aparece no momento em que nosso país sofre a mais brutal pressão capitalista de sua história, em que de todos os lados o povo vê fecharem-se as janelas da respiração econômica. Há na obra um processo de nivelamento por baixo, em que os pobres são ainda mais esmagados. E, Pelo contexto social da obra, pode-se imaginar o motivo pelo qual as mulheres foram obrigadas a seguir por essa “profissão” e, Só o fato de ser mulher, já era configurado como “menos” que os

homens.

[..] todo o poder emanava do patriarca, que organizava a ordem social em uma região geograficamente imensa, sem aparato coercitivo e dependente de trabalho. Esse momento gera duplo de moralidade para homens e mulheres brasileiros, resultando em extrema diferenciação entre os sexos, sendo que o homem é superior, forte, viril e ativo, e a mulher é inferior, fraca, bela, desejável e sujeita à dominação do patriarca. (VENTURI, RECAMAN E OLIVEIRA, 2004, p. 81.)

É, então, *Beira Rio Beira Vida* a visão que Assis Brasil obteve sobre o tema principal da obra, pois de maneira particular expõe a miséria e a prostituição sofrida pelas mulheres daquele país, a mulher abandonada pela sociedade, a mulher que tenta mudar seu destino, mas que não consegue. Uma vez que, fica mais nítido a marginalização e exposição da vida daquelas pessoas pelas lembranças de *Luíza*, que traz em seu arsenal de lembranças toda uma vida e um círculo vicioso. A vida da personagem serve como fundamentação para uma denúncia social presente em suas lembranças, escolhidas de forma a ressaltar a situação de miséria em que ela (a mulher, prostituta) se encontra, assim como os legitimadores dessa miséria, que, em outras ocasiões, ela identifica como a ação de pessoas de um meio social mais elevado. Essas lembranças fundamentam a realidade injusta denunciada através do romance.

Pode-se ver uma diferenciação no aspecto tanto físico quando geográfico da obra *Lucíola* de José de Alencar. *Lúcia* aparentava ser uma dama, de fato era, mas com um detalhe peculiar de mulher incomum, por tratar-se de uma cortesã que frequentava lugares requintados, os melhores camarotes nos teatros, sempre bem vestida nos bailes elegantes da corte. Esbanjava beleza por onde passava, trazia com ela uma elegância, era uma dama perfeita. Segundo Silva, “O preconceito é baseado no olhar depreciado, portanto, o modo mais eficiente de combatê-lo é inverter a direção do olhar, transformar o negativo em positivo”. (SILVA, 2009, p.107). E é isso que *Lúcia* faz, tenta, e por vezes consegue, mudar o foco como é observada. Era isso que acontecia com ela, apesar do fato de ser prostituta, acabava revertendo a situação a seu favor. Apesar de saber dos olhares preconceituosos da sociedade em sua direção, apresentava-se como uma dama, como qualquer outra tida no meio social.

Esqueci-me de dizer que a opera começara; as nossas observações podiam fazer-se então em céu nublado. Vi *Lúcia* sentada na frente de seu camarote, vestida com certa galantaria, mas sem a profusão de adornos e a exuberância de luxo que ostentam de ordinário as cortesãs, cota-se pelo invólucro dourado, ou porque no seu orgulho de anjos decaídos desejam esmagar a casta simplicidade da mulher honesta, quantas vezes defraudada nessa prodigalidade. (ALENCAR, 2009, p. 26).

Sempre que era vista em lugares públicos estava em boa companhia. “Estava no teatro lírico, onde no caso estava junto de um moço com quem havia feito conhecimento na sociedade...” (ALENCAR, 2009, p. 25). Em sua casa tinha uma escrava como todas as damas da época; em seus piores dias, mostrava-se excêntrica e cheia de caprichos; quando saía para breves passeios, sempre levava ao seu lado uma dama de companhia, não deixando nada a desejar, mostrando-se uma perfeita moça de família. *Paulo* à primeira vista não conseguiu encontrar em *Lúcia* uma prostituta, pelo contrário, ela o impressionou com seus modos e requinte. Pois como ele notaria? Tratava-se de uma linda mulher, elegantíssima e educada, até seus movimentos traziam uma sutileza, próprios de uma dama da alta sociedade burguesa.

-Já vi está moça! Disse comigo, mas onde? ...

Ela demorou-se na sua graciosa imobilidade e continuou lentamente o passeio interrompido. Meu companheiro cumprimentou-a com um gesto familiar; eu, com respeitosa cortesia, que me foi retribuída por uma imperceptível inclinação da fronte. -Quem é esta senhora? Perguntou a Sá.

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais. (ALENCAR, 2009, p. 09).

Nos lugares públicos em nenhum momento *Lúcia* demonstrava ser uma cortesã, não se via vulgaridade em suas ações, sua postura era irrefutável e sempre se mostrava uma mulher de bem, e realmente era, mas não da forma que a sociedade desejava que ela fosse, mas de uma forma totalmente inusitada e diferente, era uma dama-cortesã, por assim dizer. E, falando sobre seu perfil, ele traz muita candura, uma característica das mulheres de Alencar. Desse modo, não poderia ser vista tão somente como uma prostituta. Assim, era *Lúcia*, uma mulher surpreendente bela e cheia de qualidades. “A mulher com os seus encantos cejava outros olhos que não os meus, a estátua animada de desejos que não os meus...” (ALENCAR, 2009, p. 45). Para Severino (2002), o caráter moral é o que sempre nos impressiona, desse

modo, ele afirma o seguinte:

Os valores morais se impõem a nós com força normativa e prescritiva, quase ditando como nossas ações devem ser praticadas. Não segui-los nos dá sempre sensação de que estamos infringindo normas, fazendo o que não devia ser feito. (SEVERINO, 2002, p. 191).

A dama-cortesã, que transparece em público esse moral que o autor hora mencionado fala, apresentava-se como avarenta, confusa, extremamente sedutora e sensual, que também usava os homens como bem queria em sua intimidade, e fora dela de um modo discreto. Sua postura em certas ocasiões tornava-se inadmissível para a época em que a sociedade mantinha uma moral inabalada. Embora com tantas qualidades, voltando ao contexto histórico feminino visto nesse trabalho, podemos notar que ela se contrapõe a função natural da mulher. Para as mulheres do século XIX, *Lúcia* representaria a fuga moral feminina, embora sendo uma perfeita dama. E mesmo tentando aparentar ser essa dama, ela acaba sofrendo discriminações pelo fato de entregar seu corpo como uma mercadoria. E mesmo não se apresentando vulgarmente, ainda assim se afastou dos padrões aceitos de moralidade.

De um lado, não esquecendo o recorte de tempo e espaço, há uma prostituta de luxo (*Lucíola*, de Alencar), admirada pelos homens de bom porte social; e por outro, a prostituta puramente marginalizada (a prostituta como herança de gerações, de Assis Brasil), pobre, sofredora dos preconceitos mais brutais impostos pela sociedade hipócrita em que vive.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foi percebido que a mulher não gozava de muitos estatutos em relação ao homem, sendo que a companhia de um homem no casamento era a única porta para uma vida fácil e respeitável e não é por acaso que muitas mulheres viviam por esse intento, assim era a sociedade. Já há muito tempo que se dizia que era melhor qualquer casamento do que nenhum, mostrando dessa forma a importância dele. Tudo isso porque a mulher teve na sociedade um papel de submissão e de inferioridade em relação ao homem.

Nesses aspectos, a literatura brasileira quebrou os padrões impostos às mulheres, pois as obras citadas e analisadas mostram a mulher em outros aspectos, marginalizadas, tendo como “profissão” a prostituição, sendo em Beira Rio Beira Vida de modo mais realista e em *Lucíola* de maneira mais

idealizada.

Alencar mostrou seu diferencial revelando a mulher de forma imponente, ativa, dona de sua vida e vontades. Pode ser visto isso em *Lucíola*, apesar de sua forma de manter seu padrão de vida, na prostituição. Ela é tida pela sociedade como um modelo de admiração feminina, beleza e elegância, embora marginalizada pela profissão que leva. Lúcia é mulher que transpassa sua condição e molda o destino à sua maneira.

Já Assis Brasil vem de forma mais realista mostrando a exposição e sofrimento que a mulher prostituta sofria mediante sua condição de vida, uma vez que ela era submetida a todo tipo de homem - homens trazidos pelas embarcações - tendo nesse encontro o sustento para sua vida, eram ela o centro de críticas da sociedade machista retratada na obra.

Lucíola, embora mais dona da situação em que vivia, retratou o lado mais negro que as prostitutas sofriam pela sociedade daquele período, pois viveu numa época em que, com o objetivo de preservar o seio da família, o pai geralmente recorria até à agressão, e obrigava a jovem a preservar sua “pureza”, pois só assim obteria um bom casamento. E a personagem surge como o avesso do que deveria ser uma boa mulher.

Em *Beira Rio Beira Vida*, por sua vez, existia um círculo vicioso entre aquelas mulheres, gerações daquele cais, que por muito tempo tiravam o sustento de vida medíocre que levavam na prostituição. Tem nessa obra a denúncia, o outro lado dessa profissão: o do sofrimento pela miséria, pela falta do que comer, da negação à ascensão social, estigma repassado de mau pra filha.

Assim, cada autor, a seu tempo e enfoque próprio, retratam lados particulares da prostituição feminina: o da cortesã sentimentalmente abalada, mas elegante e romântica, em beleza e modos; e a da “mulher de beira de cais”, sofrida, usada e rejeitada pela sociedade preconceituosa que a circunda. Com maestria e genialidade dos literatos José de Alencar e Assis Brasil tem-se a representação artística de dois lados da representação feminina prostituída. Assim, os dois autores retratam o lado triste das mulheres prostituídas, seja apenas no lado sentimental, mesmo sendo linda e muito desejada, seja por “vender o corpo” para pelo menos ter o que comer. E nesse plano, ou romântico idealista, ou realista, a denúncia se faz no enredo, uma vez que

evidencia a sociedade hipócrita e oportunista que ao mesmo tempo em que marginaliza, também faz proveito e nega mudança, ascensão social das mulheres prostitutas que diz ter aversão.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Cortez, 2009.

BOSE, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 39. ed. São Paulo: Copyright, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1973.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo: Editorar Brasileira, 1985.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006. BRASIL, Assis. **Beira Rio Beira Vida**. Teresina. Ed. do Autor, 1965.

LIMA, Maria Auxiliadora. FILHO, Francisco Alves. CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Olhos Espriados: linguagem e literatura ao sol**. Teresina: Ed. do Autor, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003.

MICHEL, FOUCAULT. **Sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

NEVES, Maria da Graça, COSTA, Delaine Martins. **Mulher e Políticas Públicas**. 15ª ed. Riode Janeiro: CCD, 1991.

NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para Estudantes**. Teresina: Gráfica e Editora da UFPI, 1996.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. **Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX nos caminhos da civilização**. Disponível em <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf> Acesso em: 23. Ago. 2014.

PINSKY, Jaime, PINSKY, Carla Bassanesi. **História da Cidadania**. São Paulo: contexto, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & outras leituras: Impasse e Alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 2002.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Língua e Literatura**. São Paulo: Moderna, 1982.

VENTURI, Gustavo. RECAMÁM, Marisol. OLIVEIRA, Suely. **A mulher Brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.